

**Do sonho americano ao desencanto brasileiro**  
***Um estudo sobre a busca pela felicidade em À Procura da Felicidade e Arábia***

ASTER RIDOLFI; LORENZO PALMEIRO LENZ; GUILHERME CARVALHO DA ROSA

UFPEL – [asterridolfi@gmail.com](mailto:asterridolfi@gmail.com)

UFPEL – [lorenzolenz@hotmail.com](mailto:lorenzolenz@hotmail.com)

UFPEL – [guilhermecarvalhodarosa@gmail.com](mailto:guilhermecarvalhodarosa@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge como iniciativa pessoal de adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado por Aster Ridolfi, em finalização de seu Ensino Médio na Escola Veredas, em Campinas, São Paulo. Tendo percorrido pesquisas e teorias a fim de assimilar as diferentes representações da vida do trabalhador comum no cinema dos Estados Unidos em comparação ao cinema brasileiro, foi empreendida uma investigação acerca dos filmes *À Procura da Felicidade* (2006), dirigido por Gabriele Muccino, e *Arábia* (2017), dirigido por Affonso Uchôa e João Dumans. Ao longo da pesquisa, foram estabelecidas relações dicotômicas entre as duas obras quanto às suas abordagens da vida da população proletária. No primeiro filme, identificou-se uma forte relação de sua direção com a filosofia do *American Way of Life*, vendendo-se uma imagem de sucesso pelo trabalho duro possível para todo o povo, enquanto que, no segundo filme, percebe-se o oposto, com o trabalhador nunca transcendendo de sua classe pobre apesar de seu esforço. Ambas as representações foram analisadas a partir do contexto cultural de seus respectivos países de origem, configurando formas de expressão de nações de contextos geopolíticos diferentes. Fundamentando o estudo, nos baseamos na discussão aberta por HAN (2019) para localizar ambos os filmes em sua teoria da *Sociedade do Cansaço* e concluir como ela se aplica de formas divergentes em suas narrativas.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi construída a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Aster Ridolfi, de discussões entre os membros do grupo sobre o trabalho, do levantamento bibliográfico e filmográfico e da leitura dos autores referenciados. Efetuando estudos e anotações derivados dos textos e filmes selecionados, tendo como base, também, o referencial histórico citado, o grupo redigiu em conjunto uma análise das relações entre os filmes escolhidos como objeto de pesquisa e suas formas de expressão conectadas a seus respectivos países de origem.

A metodologia propõe uma abordagem qualitativa baseada no método de análise fílmica construído por VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ (2002), mediante o qual são avaliados atributos narrativos e estéticos de uma obra cinematográfica, como

enredo, construção de personagens, enquadramentos, fotografia, som e montagem.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após discussão em grupo sobre o filme com leitura apoiada no quadro teórico escolhido, foi obtida maior compreensão a respeito das ligações entre os filmes *À Procura da Felicidade*, lançado em 2006 nos Estados Unidos, e *Arábia*, de 2017, lançado no Brasil, com as teorias de Byung Chul-Han e a ideologia política e econômica do *American Way of Life*, que trouxeram novas perspectivas em relação à cultura do trabalho nas sociedades de primeiro e terceiro mundo.

No período pós-primeira e segunda guerras mundiais, os Estados Unidos emergiram da tríplice vencedora com uma potente influência sobre o globo e com enorme poder econômico. O país se aproveitou do estado de calamidade que assolava a Europa e outros continentes para se estabelecer como uma nação soberana de estabilidade sem igual, cuja qualidade de vida era utilizada como propaganda para motivar e atrair trabalhadores imigrantes e de todas as classes sociais. Neste contexto, com o passar das décadas, esse princípio se fortificou com alcance global, com diferentes países adotando as práticas de trabalho do modelo estadunidense.

Como retrato idealizado dessa doutrina de trabalho, surge o filme *À Procura da Felicidade*, dirigido por Gabriele Muccino, que narra a história de Chris Gardner, um vendedor de aparatos médicos que busca sustentar a si mesmo e seu filho em meio a graves dificuldades financeiras e raras oportunidades no mercado de trabalho.

Eventualmente, após grande esforço e dedicação, Chris conquista um emprego como acionista da bolsa de valores, adquirindo sucesso financeiro posteriormente. Esta narrativa da jornada de trabalho intensa em troca de uma grande recompensa serve como um ótimo exemplo da filosofia do sonho americano que, por mais inspiradora que seja para a classe proletária, não deixa de ser um caso raro de 1 em 1 milhão. O investimento e o seguido sucesso de bilheteria da obra, assim como de muitas outras, pode ser visto como um exemplo da adesão desta visão de mundo norte-americana sobre o trabalho, em diálogo com o que propõe a teoria sociológica de Max Weber (2010) em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Em um direto contraste de estilo, narrativa e forma, em 2017, é lançado o filme brasileiro *Arábia*, de Affonso Uchôa e João Dumans, que acompanha a história de Cristiano, um trabalhador comum e periférico que passa de emprego em emprego cruzando o país procurando apenas sobreviver, enfrentando dificuldades em parte semelhantes às de Chris Gardner no primeiro filme mencionado.

Apesar disso, ambos personagens seguiram destinos opostos, com Cristiano não transcendendo sua faixa de renda e posição na estrutura social. Próximo ao fim de *Arábia* e após uma forte tragédia pessoal, Cristiano chega em

Ouro Preto através de uma proposta de trabalho oferecida por um amigo distante. Lá, quanto mais mergulha em sua nova rotina, mais reflete sobre o curso de sua vida e estado atual, expondo seu cansaço — chegando a se comparar a um “cavalo velho” — e concluindo que ele e todos os outros trabalhadores foram “enganados a vida toda”.

Esse embate de discursos relaciona as duas expressões cinematográficas de cada país em como procuram retratar histórias de trabalhadores comuns de suas sociedades. De um lado, os Estados Unidos, com sua filosofia de honra e conquista possível pelo trabalho duro — em consonância à imagem do *American Way of Life* — e do outro, o Brasil, com uma impressão mais pessimista de sua realidade, advinda de um passado colonizado como país de terceiro mundo.

É possível analisar essas dicotomias sob o olhar do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015). Em seu livro *Sociedade do Cansaço*, Han explica como a sociedade moderna promete aos indivíduos uma vida de estabilidade em troca da dedicação ao trabalho duro exercido em sua profissão. Mais do que isso, ele adiciona um condicionamento aplicado pela sociedade no trabalhador, de modo que este próprio se autodisciplina a cumprir longas jornadas de trabalho e demandas extenuantes para atingir seus objetivos de bem-estar social, levando a si mesmo à exaustão no processo.

Tais colocações podem ser observadas em prática em ambos os filmes, com diferentes resultados. Enquanto que em *À Procura da Felicidade*, Chris Gardner exerce a autodisciplina descrita por Byung-Chul Han atingindo a estabilidade prometida à população comum, Cristiano, em *Arábia*, faz o mesmo, mas se mantendo exatamente onde começou sentindo-se tragicamente mais cansado com a rotina. Desse modo, concretiza a visão de Han, refletindo o estado social de milhões de trabalhadores mundialmente, especialmente em nações do sul global como o Brasil.

#### 4. CONCLUSÕES

Após as análises da pesquisa e dos filmes com aporte dos autores da bibliografia, tornou-se possível relacionar as obras *À Procura da Felicidade* e *Arábia*, sob as observações de Byung-Chul Han e o referencial histórico do *American Way of Life*. Han (2015) descreve a sociedade moderna como promotora de estilos de vida exaustivos para o trabalhador, com promessas de estabilidade financeira pelo esforço prestado que condicionam a população a autocobranças constantes de jornadas de trabalho excessivas. Essa ótica dialoga com os filmes estudados ao mesmo tempo que revela uma desigualdade na representação do trabalhador comum nos contextos dos respectivos países de origem das obras.

Em *À Procura da Felicidade*, o protagonista Chris Gardner emula as constatações de Han pela sua dedicação e autodisciplina desgastantes, contudo, também, ao se tornar um corretor de sucesso, sua história vira modelo do *American Way of Life* estadunidense, que promete a estabilidade social desejada em troca

do trabalho duro à toda a população, uma iniciativa antiga implementada pelos Estados Unidos, mas que é empiricamente impossível em uma economia competitiva capitalista.

Em Arábia, Cristiano vive sua vida pulando de emprego em emprego, nunca conseguindo atingir um estado de bem-estar social completo, sendo demitido e mal pago frequentemente apesar do seu empenho ser destacado em comparação ao dos outros. Em uma conclusão aterradora, o personagem apreende o parecer de Han ao expressar a sua insatisfação, raiva e cansaço pela sua condição em seu monólogo final.

Estas narrativas sintetizam como cada país dissemina suas próprias ideias de trabalho à população através de seu cinema. Os Estados Unidos veiculam a máxima do “esforço leva à recompensa” e imprimem um otimismo inerente a histórias de sucesso de cidadãos ilustres para motivar o operário comum, mesmo que estes mesmos enredos descrevam casos de 1 em 1 milhão nas estatísticas.

Em contrapartida, o Brasil, um país de terceiro mundo, possui muitas obras de seu cinema retratando histórias da classe operária, à via dos exemplos de *Eles Não Usam Black-tie* (Leon Hirszman, 1981), *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015) e *Bye Bye Brasil* (Cacá Diegues, 1980). Com *Arábia*, mais um filme é adicionado a esse rol, trazendo uma visão menos esperançosa e mais honesta com as vidas de milhões de trabalhadores brasileiros, que recebem pelo seu cinema um meio para se identificarem, se unirem e exigirem mudanças.

## 5. REFERÊNCIAS

**ARÁBIA.** Direção: Affonso Uchoa; João Dumans. Brasil: Vitrine Filmes, 2017.

**À PROCURA da felicidade.** Direção: Gabriele Muccino. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2006.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2015.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica.** 2ed. Campinas: Papirus, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.